

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E EDUCAÇÃO: AVALIANDO A EFICÁCIA DA INTERVENÇÃO MULTIPROFISSIONAL NA PROMOÇÃO DE AMBIENTES ACOLHEDORES E INCLUSIVOS

AUTISTIC SPECTRUM DISORDER AND EDUCATION: EVALUATING THE EFFECTIVENESS OF MULTIPROFESSIONAL INTERVENTION IN PROMOTING WELCOMING AND INCLUSIVE ENVIRONMENTS

Janaina Kelly Medeiros¹
Kassia Shamytha Abrantes Justino²
Maria Mirtes da Nóbrega³
Natali de Lima Bandeira de Figueiredo⁴
Sebastião Matheus Lourenço Lima⁵
Carmen Silva Alves⁶
Rawany Renhya Ferreira Rodrigues⁷

RESUMO: O estudo teve como objetivo analisar como ocorre o processo inclusivo de crianças com TEA no ambiente escolar, e como as práticas educativas em saúde podem contribuir para o pleno acesso e participação de todos os alunos, além disso verificar quais são os principais desafios enfrentados pelos professores para a utilização de estratégias pedagógicas para a inclusão de alunos com TEA, quais as práticas inclusivas adotadas pelos profissionais escolares que trabalham diretamente com a criança diagnosticada com TEA e os benefícios da inclusão, e, por fim, identificar os benefícios dos treinamentos do Projeto “Autismo entre Nós” para os educadores. Para a realização da pesquisa contamos com uma abordagem qualitativa, a partir da base exploratória, com dados coletados em campo, sendo os resultados considerados como descritivos. O estudo incluiu a participação de 12 professores da educação infantil de três escolas de um município no sertão da Paraíba. A coleta de dados deu por meio da técnica de entrevista semiestruturada e sua análise através do método de Análise de Conteúdo de Bardin. O estudo evidenciou que os professores em sua maioria ainda não se sentem capacitados para lidar com a demanda da inclusão revelando que enfrentam dificuldades em lidar com os comportamentos do aluno com TEA. Desse modo, fica evidente o reconhecimento da necessidade de capacitações e espaços reflexivos em equipe e o fortalecimento entre saúde e educação para promoção da inclusão.

¹Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde do Centro Universitário de Patos (PRMAPS-UNIFIP).

²Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde do Centro Universitário de Patos (PRMAPS-UNIFIP).

³Enfermeira, Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona, Lisboa-Portugal. Preceptora do PRMAPS/UNIFIP.

⁴Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde do Centro Universitário de Patos (PRMAPS-UNIFIP).

⁵Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde do Centro Universitário de Patos (PRMAPS-UNIFIP).

⁶Assistente Social (UEPB). Mestre em Serviço Social (UFPB). Tutora/Orientadora do Núcleo de Serviço Social do PRMAPS e do PRMSM/UNIFIP.

⁷Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde do Centro Universitário de Patos (PRMAPS-UNIFIP).

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar. Professores Escolares.

ABSTRACT: The study aimed to analyze how the inclusive process of children with ASD occurs in the school environment, and how educational practices in health can contribute to the full access and participation of all students, in addition to verifying what are the main challenges faced by teachers for the use of pedagogical strategies for the inclusion of students with ASD, what are the inclusive practices adopted by school professionals who work directly with children diagnosed with ASD and the benefits of inclusion, and finally identify the benefits of the training of the "Autism Among Us" Project for educators. To carry out the research, we had a qualitative approach, based on the exploratory base, with data collected in the field, and the results were considered descriptive. The study included the participation of 12 early childhood education teachers from three schools in a municipality in the hinterland of Paraíba. Data collection was done through the semi-structured interview technique and its analysis through Bardin's Content Analysis method. The study showed that most teachers still do not feel trained to deal with the demand for inclusion, revealing that they face difficulties in dealing with the behaviors of students with ASD. Thus, the recognition of the need for training and reflective spaces in teams and the strengthening of health and education to promote inclusion is evident.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. School Inclusion. School Teachers.

1 INTRODUÇÃO

A constituição brasileira estabelece a educação como um direito de todos e dever do Estado, promovendo a igualdade de acesso (Brasil, 1988). O Estatuto da Criança e do Adolescente reforça esse direito, garantindo à criança acesso à educação de qualidade, com atenção ao desenvolvimento integral e no preparo para a vida em sociedade, assegurando seus direitos e sua proteção (Brasil, 1990). Em conjunto, esses documentos legais embasam a relevância do ensino para a formação cidadã.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é denominado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) como um transtorno do neurodesenvolvimento, com amplo espectro de manifestações clínicas e caracterizado pela presença de distúrbios do comportamento desde o início da vida. Possui diferentes graus de comprometimento e de déficits associados. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- DSM-5, a etiologia do TEA é multifatorial e envolve fatores genéticos e ambientais. Ainda de acordo com o DSM-5 o TEA é caracterizado a partir de dois aspectos: déficits na comunicação, na interação social, nos comportamentos e interesses estereotipados ou repetitivos (APA, 2014).

A inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar é um desafio contemporâneo que necessita uma atenção especial, visando garantir desenvolvimento pleno desses indivíduos e o acesso à educação de qualidade. O sistema educacional deve levar em conta as necessidades de

todos os alunos (Mantoan, 2015). Para isso, é imprescindível que adaptações na abordagem de ensino, no currículo e na própria avaliação sejam efetuadas com o objetivo de respeitar as limitações de cada estudante e extrair plenamente seu potencial singular.

Os debates acerca do processo de inclusão escolar têm sido recorrentes em diversos cenários, quer seja no âmbito das políticas educacionais, nas instituições de ensino, seja nas pesquisas acadêmicas e na comunidade em geral. Contudo, essas discussões ainda são pertinentes e necessárias, pois persistem na Educação Infantil, várias incertezas, especialmente relacionadas às alternativas práticas de como implementar a inclusão.

As crianças com TEA têm enfrentado obstáculos para o seu processo educacional e social, devido às suas particularidades, ou ainda, de preconceitos preestabelecidos por concepções errôneas dos profissionais e familiares que se relacionam com estas crianças.

Diante as incursões bibliográficas e observações do cotidiano das práticas em saúde, optamos por desenvolver esse estudo e teve como objetivo geral, analisar como ocorre o processo inclusivo de crianças com o transtorno do espectro autista no ambiente escolar, e como as práticas educativas em saúde podem contribuir para o pleno acesso e participação de todos os alunos, além disso, verificar quais são os principais desafios enfrentados pelos professores para a utilização de estratégias pedagógicas para a inclusão de alunos com TEA, quais as práticas inclusivas adotadas pelos profissionais escolares que trabalham diretamente com a criança diagnosticada com TEA e os benefícios da inclusão, e, por fim, identificar os benefícios dos treinamentos do Projeto “Autismo entre Nós” para os educadores.

383

Para o alcance dos objetivos neste trabalho, buscamos apresentar os resultados advindos da pesquisa realizada com 12 professores da educação infantil, de três escolas, da rede pública de um município do sertão paraibano. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, e a análise dos resultados ocorreu com base no método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

2 MÉTODOS

Nosso estudo se caracteriza como pesquisa do tipo exploratória e descritiva. Conforme Gil (2002), “as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses”. Já para Triviños (1987), a “pesquisa descritiva requer do pesquisador um conjunto de dados sobre

o objeto de estudo. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo relatar os eventos e ocorrências de uma específica situação.”

A abordagem da pesquisa caracterizou-se como qualitativa, concentrando-se nos elementos da realidade e focando na compreensão e interpretação das relações sociais. O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais, que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível, pois traduzem em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (Chizzotti, 2003).

Os cenários da pesquisa foram compostos por 03 (três) escolas municipais, localizadas em uma cidade do sertão da Paraíba e contou com a participação de 12 professoras da educação infantil.

Como critérios de inclusão estabeleceram-se os seguintes pontos: professores atuantes da educação infantil; que lecionam para crianças com TEA; e que tenham participado das capacitações ofertadas pelo Projeto “Autismo entre Nós”, proposto e desenvolvido pelos residentes do Programa Residência Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde, do Centro Universitário de Patos (UNIFIP) enquanto instituição formadora. Como critérios de exclusão, decidiu-se pelos professores que não lecionam para crianças com TEA; professores que não tenham participado das capacitações ofertadas pelo Projeto “Autismo entre Nós”; e professores que não compareceram no dia da coleta de dados.

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados que objetivou compreender o funcionamento da educação inclusiva, na educação infantil e o processo de inclusão de crianças com TEA por meio da avaliação dos professores. A entrevista semiestruturada contemplou uma ficha com informações profissionais dos professores, seguida por 06 (seis) questões abertas que visaram investigar os principais desafios enfrentados pelos professores sobre a inclusão dos alunos com TEA, as estratégias desenvolvidas e a avaliação da intervenção multiprofissional da saúde na promoção de ambientes inclusivos.

Antecipadamente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do UNIFIP, e apenas mediante aprovação a pesquisa foi iniciada. Os dados foram coletados mediante aceitação dos participantes. Antes de responder a entrevista os participantes foram esclarecidos sobre o objetivo do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) que está descrito de forma explícita, sucinta e precisa,

em que apresenta a opção de escolha entre aceitar responder ou não. A entrevista semiestruturada foi aplicada em um horário pré-determinado aos professores da educação infantil de três escolas de educação infantil determinadas pela vivência dos treinamentos.

Para a realização da análise dos dados obtidos, foi empregado o método de Análise de Conteúdo de Bardin, que conforme para Franco (2007) esclarece: “o ponto inicial da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. Assim, a análise de dados qualitativos foi sistematizada a partir da metodologia clássica de Bardin (2011) divididas em três polos cronológicos: a) pré-análise; b) a exploração do material; c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Apresentação dos dados e análise da pesquisa

Partindo do pressuposto que este estudo teve como objetivo analisar como ocorre o processo inclusivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista TEA no ambiente escolar, e como as práticas educativas em saúde podem contribuir para o pleno acesso e participação de todos os alunos, foram apresentados então, três eixos temáticos de análises que surgem 385 entrelaçadas a este objetivo, trazendo, assim, considerações e dados importantes a serem discutidos: desafios na inclusão escolar; estratégias utilizadas para integração da criança com TEA e avaliação da intervenção multiprofissional de saúde na educação inclusiva.

No primeiro eixo, denominado “desafios na inclusão escolar”, são apresentados os obstáculos enfrentados pelos professores em relação à inclusão de crianças com (TEA), incluindo aspectos como dificuldades comportamentais, resistência a mudança, dificuldades com a família, falta de formação e recursos limitados.

No segundo eixo, “estratégias utilizadas para integração da criança com TEA” aborda as principais práticas utilizadas, que visam facilitar essa integração, promovendo um ambiente inclusivo, que para Mantoan (2015) é essencial adequar os métodos e recursos para que o mesmo conteúdo e atividade sejam acessíveis e significativos para todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou necessidades.

Por fim, no último eixo, “avaliação da intervenção multiprofissional de saúde na educação inclusiva” são apresentados os resultados das capacitações ofertadas pelo Projeto “Autismo entre Nós” para educadores, analisando como essas formações contribuíram para a

implementação de práticas inclusivas e para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor.

Bueno (2009) afirma que, caso o educador não receba uma orientação apropriada, ele não colaborará para a inclusão, a teoria deve ser implementada na prática. É necessário que existam professores capacitados para a atividade docente ou que tenham uma formação continuada atualizada, buscando expandir seus conhecimentos e desenvolver estratégias específicas voltadas para o ensino-aprendizagem de crianças com necessidades educativas especiais.

A formação continuada desses profissionais carece de investimentos, atualizações e suporte, limitando assim seu desenvolvimento de estratégias específicas. Isso prejudica a qualidade do ensino-aprendizagem e a inclusão efetiva.

3.2 Desafios na inclusão escolar

Os principais desafios da inclusão escolar de crianças com necessidades especiais atualmente não se restringem ao acesso à educação convencional, mas sim a como os professores podem oferecer um ensino adaptado que atenda às exigências educacionais específicas desses alunos, assegurando, assim, seu avanço e permanência contínua na instituição de ensino (Matos; Mendes, 2015).

Desse modo, persistem vários obstáculos a serem superados, que continuam a produzir interrogações e demandar esforços conjuntos das políticas públicas, da comunidade escolar, acadêmica e científica, com o objetivo de garantir as condições essenciais para uma inclusão plena e efetiva.

Nessa categoria, estão explicitadas as dificuldades encontradas pelos professores no processo de inclusão de alunos com autismo. Há maior recorrência, nas falas dos entrevistados, sobre as dificuldades comportamentais de comunicação. O comportamento, uma área de desenvolvimento atípico em indivíduos com autismo foram destacados, com maior recorrência, como um desafio no trabalho e na inclusão de crianças com (TEA), conforme demonstram nas afirmativas a seguir:

Ela não tem concentração, não consegue realizar as atividades e chora bastante (P4).

Quando o meu aluno para de realizar as atividades, eu não sei se é por causa do seu limite, cansaço ou se é apenas uma birra. É complicado distinguir (P1).

É desafiador lidar com os comportamentos repetitivos, então estou sempre buscando entender o que ele está tentando me dizer (P2).

Dentre os desafios dos professores também estão aqueles em lidar com as dificuldades de socialização do aluno, estas fizeram referência às dificuldades de se relacionar com os alunos com TEA e da dificuldade deles em se relacionar com os colegas. Essas dificuldades foram recorrentes em diversas falas e, em alguns casos, poderiam ser um dos principais empecilhos das professoras na sala de aula, conforme relatos a seguir:

O maior desafio é a promoção da interação e socialização, porque eles não gostam de serem contrariados (P8).

Já tivemos situações em que meu aluno se isolou durante a atividade em grupo (P6).

Outro desafio para os professores é a dificuldade que os alunos com TEA enfrentam em lidar com mudanças repentinas e imprevisíveis nas atividades diárias em sala de aula. A organização da rotina é fundamental para a inclusão efetiva da criança na escola e deve ser desenvolvida e ensinada desde o início, visando facilitar a autonomia e independência da criança na organização do ambiente e das atividades (Hundert, 2009). Os relatos mostram que esses alunos reagem com resistência às alterações inesperadas na rotina.

Qualquer mudança pode causar agitação, ansiedade e dificuldades em sala de aula (P9).

Meu Aluno é diagnosticado com autismo grau I. Ele se distrai facilmente e sempre resiste a mudanças (P10).

Outro aspecto essencial para a inclusão do aluno com TEA é um planejamento personalizado, considerando necessidades e habilidades individuais (Serra, 2010). Entretanto, foi destacado nas falas dos participantes o que denominamos como dificuldades pedagógicas, ou seja, as barreiras na execução do trabalho acadêmico com o estudante com TEA, tanto para ensiná-lo quanto para avaliar seu aprendizado

387

Essa dificuldade aparenta estar vinculada à limitada compreensão das professoras sobre as particularidades do TEA e, conseqüentemente, à falta de conhecimento sobre o que é, como abordar esses alunos em sala de aula, complicando seu trabalho de ensino e avaliação:

A questão da aprendizagem também é um desafio, é onde eu me perco mais, como interagir com ele. Como fazer ele aprender (P1).

É que eu não sei se ele aprendeu, eu não tenho esse retorno (P5).

As demais dificuldades apontadas não estão relacionadas às características específicas dos alunos com (TEA), mas sim a questões relevantes no processo de integração escolar, como os recursos disponíveis, relação escola-família, a falta de conhecimento sobre o TEA e de capacitação contínua.

Temos desafios como, não ter um ambiente adequado, materiais adequados para trabalhar com essas crianças autistas e pouca formação voltada para o TEA (P3).

A falta de conhecimento sobre o autismo, que apesar de estar em evidência, é um assunto muito complexo (P11).

Tenho dificuldade em comunicar-me com a mãe do meu aluno. Isso dificulta o trabalho em equipe (P10).

Polonia e Dessen (2005) enfatizam a importância de considerar as inter-relações entre escola-família para promover o desenvolvimento humano. As autoras destacam a importância de compreender e integrar esses sistemas de forma efetiva, respeitar as peculiaridades de cada segmento.

Em síntese, a integração escolar de alunos com (TEA) enfrenta desafios diversos. Além das necessidades individuais, fatores estruturais como recursos inadequados, comunicação insuficiente entre escola e família, lacunas no conhecimento sobre o TEA e falta de capacitação contínua dos professores representam barreiras significativas. Superar esses obstáculos é fundamental para promover uma educação inclusiva, respeitosa e eficaz, garantindo o direito à educação de qualidade para todos.

3.3 Estratégias utilizadas para integração da criança com TEA

Diante dos desafios de trabalhar com alunos com autismo, é crucial investigar as estratégias utilizadas pelos professores para superar esses obstáculos e aprimorar sua prática pedagógica. Paulo Freire (2014, p. 25) se expressa de maneira clara, quando ressalta que não existe ensino sem aprendizagem. Ao levar em conta esse pressuposto, o professor deve sempre procurar estratégias que viabilizem a geração de conhecimento do aluno.

Buscando otimizar o processo educativo, os professores relataram que desenvolvem estratégias para lidar com questões comportamentais, de socialização e rotina, além de adaptar métodos de ensino. Essa abordagem permite criar um ambiente de aprendizagem mais eficaz e inclusivo para alunos com autismo.

A busca por materiais e atividades lúdicas para inclusão foi evidenciada com maior recorrência nos relatos dos entrevistados. Eles utilizam recursos como pinturas com tinta guache, leitura, massinha de modelar, joguinhos de encaixe, quebra-cabeça, letras, musicalização e livros.

Eu uso atividades visuais e sensoriais como quebra-cabeça, livros. O material dele é todo diferente dos demais (P7).

Percebo que as atividades lúdicas ajudam a manter o foco e atenção do meu aluno (P2).

Através da pintura e da modelagem, eles conseguem expressar suas emoções de forma não verbal (P5).

No entanto, foi observado nas entrevistas que esses recursos, na maioria das vezes, são utilizados de maneira isolada para alunos com TEA, sem integração com o conteúdo trabalhado em sala de aula e com os demais alunos. Isso contradiz os princípios da inclusão, que preconizam uma abordagem universal e adaptativa. Os professores relataram buscar informações em fontes informais, como a internet, conforme descrito abaixo:

Sempre quando tenho alguma dúvida, recorro à internet, para ver como posso trabalhar com ele, como lidar (P12).

Eu recorro a diversos sites e plataformas para me atualizar sobre as melhores práticas de ensino (P4).

Apesar da presença de recursos como as salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e cuidadores, esses apoios não foram mencionados pelos professores entrevistados. A ausência de referência a esses recursos por parte dos educadores pode comprometer a efetividade do processo de ensino e aprendizagem, evidenciando um desafio que precisa ser abordado para garantir que todos os estudantes tenham acesso a um suporte adequado e que suas necessidades sejam atendidas de forma integral.

As salas de (AEE) trata-se de uma forma de ensino que transcende todos os níveis, fases e modalidades, realiza o atendimento especializado, oferece os serviços e recursos e orienta sua aplicação no processo de ensino e aprendizagem nas turmas regulares do ensino convencional (Brasil, 2008).

Os professores relataram outras táticas que utilizam para contornarem as dificuldades encontradas no dia a dia com o aluno com TEA. Dentre elas, relataram que reorganizam a sala, designam a criança como "ajudante do dia" para proporcionar a interação, não forçam a criança a fazer atividades, usam música para acalmar as crises e a deixam fazer o que ela prefere.

Observa-se que as estratégias empregadas são baseadas em percepções daquilo que eles acreditam ser adequado, evidenciando a necessidade de uma compreensão mais aprofundada sobre inclusão e abordagens pedagógicas para crianças com autismo e outras deficiências.

3.4 Avaliação da intervenção multiprofissional de saúde na educação inclusiva

A formação continuada do professor tem relevância na atualidade para sua atuação. Com o surgimento da proposta de inclusão escolar para pessoas com necessidades educacionais

específicas, essa formação docente ganhou atenção especial por parte da política educacional nacional, tornando-se uma prioridade estratégica.

De acordo com Bueno (2009), sem uma orientação apropriada, o professor não poderá contribuir efetivamente para a inclusão. É fundamental que a teoria seja traduzida em prática, contando com professores devidamente capacitados ou com uma formação contínua atualizada, buscando expandir seus conhecimentos e desenvolver estratégias específicas voltadas para o ensino-aprendizagem de crianças com necessidades educacionais específicas.

A legislação vigente, incluindo a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96, a Declaração de Salamanca (1994) e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015, enfatiza que tais práticas educacionais devem ser implementadas em todas as instituições educacionais do país, desde a educação infantil até o ensino superior, tornando a formação do professor o elemento fundamental.

Embora o reconhecimento da necessidade de melhorar a prática pedagógica para atender alunos com autismo seja um passo importante, a falta de orientação adequada pode levar a práticas e estratégias ineficazes. Os professores destacaram que há pouco investimento em cursos e capacitações na rede de ensino, o que prejudica o desenvolvimento de habilidades necessárias para trabalhar alunos com autismo.

Como professores, precisamos constantemente atualizar nossos conhecimentos, especialmente para atender às diversas necessidades dos alunos (P11).

Um ponto que sempre levanto nas reuniões é a necessidade de capacitações. Sem esse suporte ficamos um pouco limitados em nossas estratégias de ensino (P9).

Isso sugere a necessidade de investir em programas de formação contínua e apoio para docentes e cuidadores, garantindo que eles tenham as ferramentas necessárias para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficaz.

A intervenção multiprofissional da equipe de residência, por meio do projeto “Autismo entre nós” realizou mensalmente capacitações para professores e demais funcionários da educação sobre o (TEA), em todas as escolas municipais de um município no sertão da Paraíba.

As capacitações contaram com objetivos tais como, esclarecer as docentes sobre o que é o autismo, como identificar, a rede de atendimento disponível, os direitos da pessoa autista e a facilitação do seu acesso aos demais serviços, além de trazer curiosidades e sugestões de intervenções adequadas com a pessoa autista em sala de aula. Esses e outros aspectos estão expressos no Quadro 01.

Quadro 01 – Aspectos gerais sobre o projeto de intervenção.

ASPECTO	CARACTERÍSTICAS
DURAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> Entre maio de 2023 e abril de 2024.
QUANTIDADE DE ESCOLAS CAPACITADAS	<ul style="list-style-type: none"> 06 escolas municipais e 1 creche municipal.
TEMAS ABORDADOS	<ul style="list-style-type: none"> O que é o autismo; Como identificá-lo; Níveis de suporte; Curiosidades gerais; Orientações de como lidar com crises; O TEA e a alimentação; Aspectos farmacológicos; Direitos; Fluxograma para diagnósticos, solicitação de Benefício de Prestação Continuada (BPC) e para agendamentos de terapias.
OBJETIVOS ALCANÇADOS	<ul style="list-style-type: none"> Capacitação dos professores para a identificação e manejo adequado de alunos com TEA no ambiente escolar; Através das capacitações, foi possível promover uma compreensão aprofundada sobre as características do TEA; Incentivos à adoção de estratégias inclusivas e de um ambiente acolhedor para as necessidades desses alunos; Fortalecimento da colaboração entre profissionais de saúde e educadores para uma assistência qualificada.

Fonte: autoria própria (2024).

Foram abertos espaços interativos, bem como esclarecimento de dúvidas e compartilhamento de experiências.

Após participar do treinamento eu aprendi a identificar alguns sinais do TEA (P10).

Com a capacitação, consegui esclarecer muitas dúvidas e aprendi estratégias para engajar meu aluno na sala de aula (P5).

É evidente, principalmente, a carência de noções a respeito de intervenções apropriadas em momentos de crise, além da dificuldade em discernir informações advindas do senso comum daquelas com validações científicas.

A criança com TEA precisa de vários profissionais e a equipe multidisciplinar funciona de maneira colaborativa, onde cada especialista contribui com seus conhecimentos para proporcionar o melhor atendimento possível (P9).

Eu sempre acreditei que a colaboração entre diferentes profissionais faz toda diferença na educação (P2).

A presença de uma equipe multidisciplinar é essencial para criar um ambiente acolhedor (P12).

A experiência das capacitações sobre o (TEA), proporcionou um crescimento profissional para os professores. O processo de repensar práticas pedagógicas e analisar os benefícios da inclusão permitiu que elas reconhecessem avanços possíveis e definissem objetivos mais claros no processo de ensino-aprendizagem. Como resultado, muitos educadores constataram uma

evolução na relação aluno-professor, evidenciada pela melhoria da integração dos alunos e pelo aumento do acolhimento por parte das docentes.

Assim, todos os entrevistados expressaram interesse em fortalecer essa parceria entre saúde e educação. Nas falas, eles reconhecem a importância dessa colaboração para o desenvolvimento integral dos alunos. Além disso, destacaram que a integração entre as duas áreas é fundamental para promover um ambiente mais inclusivo e acolhedor, especialmente para estudantes com TEA.

Eu acredito que informação nunca é demais, e só vem somar essa integração saúde-escola (P1).

As capacitações ofertadas pela equipe de residência vêm somar à educação, criando redes de apoio multidisciplinares destinadas aos alunos com TEA em suas especificidades (P3).

Acho que deveria haver mais treinamentos como esse e que também fossem oferecidos para os pais. A inclusão de certa forma ainda se torna um desafio no ambiente escolar (P5).

No entanto, é importante destacar que ainda existem desafios a serem superados. É fundamental que as políticas educacionais priorizem a formação contínua e o apoio aos professores, garantindo que eles tenham as ferramentas necessárias para criar um ambiente de aprendizagem que respeite e valorize a diversidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que a inclusão escolar de crianças com (TEA) enfrenta desafios significativos, especialmente em relação às estratégias pedagógicas e à formação contínua dos professores. Este trabalho contribui para o meio acadêmico ao destacar a importância de práticas inclusivas e formação docente. Ao analisar como ocorre o processo inclusivo no ambiente escolar, ficou evidente que os educadores enfrentam dificuldades não apenas em lidar com comportamentos e socialização, mas também em estabelecer uma comunicação efetiva com as famílias e em acessar recursos adequados. Assim, o verdadeiro desafio vai além do simples acesso à sala de aula, envolve a necessidade de um planejamento educacional personalizado, participativo e eficaz, que propicie um ambiente acolhedor.

Além disso, as práticas inclusivas adotadas pelos profissionais que trabalham diretamente com crianças diagnosticadas com TEA mostram-se fundamentais para garantir benefícios tanto para os alunos quanto para a comunidade escolar. Contudo, a pesquisa destaca a necessidade de revisar modelos de ensino e aprimorar a formação inicial e contínua dos professores.

A implementação de práticas inclusivas, aliada ao apoio de profissionais capacitados, não só promove oportunidades de aprendizado para todos os alunos, mas também contribui para o

processo de aceitação das diferenças. Portanto, é imprescindível planejar políticas públicas que ofereçam capacitação em serviço aos professores, visto que educar em um ambiente diverso exige mudanças significativas nos currículos e nas práticas pedagógicas. A legislação sozinha não é suficiente, é essencial fortalecer a parceria entre saúde e educação para promover uma abordagem integral e eficaz na inclusão escolar de crianças com TEA.

Sugere-se, então, a realização de estudos que analisem o impacto das intervenções multiprofissionais na dinâmica escolar, promovendo uma colaboração mais estreita entre educadores e profissionais da saúde. Por fim, é importante avaliar periodicamente as políticas públicas existentes, garantindo que elas sejam implementadas de maneira eficaz e que atendam às reais demandas do ambiente educacional, criando um espaço mais acolhedor e inclusivo para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. [s.l.] Artmed Editora, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria no. 555, de 5 de junho de 2007**. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF, 2008.
- BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.
- BUENO J.G. S Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**. [s.l.], v. 03, n. 05, p. 7-25, set. 2009.
- CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga, Portugal, v. 16, n. 2, p. 221-236, fev. 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- HUNDERT, J. Inclusão de alunos com autismo: usando suportes baseados em ABA em geral. **Austin: ProEd**, [s.l.], 2009.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MATOS, S.N; MENDES, E.G. Demandas dos professores e inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.21, n.1, p. 9-22, jan.- mar. 2015.

MENDES, E. G. **Inclusão marco zero: começando pelas creches**. Araraquara-SP: Junqueira&Marin, 2010.

POLONIA, A.C.; DESSEN, M. Em Busca de uma compreensão das relações entre família e escola: relações família-escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 303-312, dez. 2005.

SERRA, D. Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.1 n.2, p.163-176, jul. - dez, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.